

O CINEMA E O INTEGRALISMO: A Contribuição De Ironides

Rodrigues Para *A Marcha*

CINEMA AND INTEGRALISM: Ironides Rodrigues' Contributions

To *A Marcha*

Gabriel Soares Predebon¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar a trajetória de um destacado militante do movimento negro, Ironides Rodrigues, e suas ligações com o periódico oficial do Partido de Representação Popular (PRP). O PRP foi o herdeiro político da Ação Integralista Brasileira, movimento fascista da década de 1930. Busca-se contextualizar, por meio da análise da trajetória do autor, algumas das razões que o tenham levado a contribuir com o periódico integralista.

Palavras-chave: integralismo, cinema, movimento negro, Teatro Experimental do Negro, crítica de cinema.

Abstract: This article aims to investigate the trajectory of a prominent activist in the black movement, Ironides Rodrigues, and his links with the official periodical of the Popular Representation Party (PRP). The PRP was the political heir of the Brazilian Integralist Action, a fascist movement from the 1930s. The aim is to contextualize, through the analysis of the author's trajectory, some of the reasons that led him to contribute to the integralist periodical.

Key words: integralism, cinema, black movement, Teatro Experimental do Negro e film criticism.

O integralismo se caracterizou inicialmente como o primeiro movimento de massas brasileiro, inspirado no fascismo e liderado pelo jornalista Plínio Salgado, na década de 1930. Com a extinção do movimento, o exílio do “chefe” e a derrota do fascismo, o movimento integralista tem de se adaptar à nova realidade para buscar uma sobrevivência política. A adaptação “democrática” do integralismo deu origem ao Partido de Representação Popular, cujo diferencial mais relevante em relação à Ação Integralista Brasileira da década de 1930 era a ênfase ainda maior no aspecto religioso do movimento. Fundado em 1945, o PRP atuou por duas décadas na política brasileira, sendo extinto durante a ditadura militar.

Na década de 1950, o periódico oficial do PRP contava com um colaborador distinto daqueles que costumavam contribuir para o jornal: Ironides Rodrigues, cuja atuação mais destacada havia sido na militância negra. Rodrigues havia sido um dos primeiros membros do Teatro Experimental do Negro, fundado por Abdias Nascimento na década de 1940. Ali, ministrou um curso de alfabetização que foi um grande sucesso. Traduziu obras do movimento francófono *Négritude* e esteve envolvido em intensas polêmicas

¹ Gabriel Soares Predebon, doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: gabriel.predebon@gmail.com; ORCID-0000-0002-7863-1406.

acerca da questão racial no Brasil. Por que colaborar com um periódico integralista? E qual o interesse dos integralistas em contar com uma figura que aparentemente tanto destoava do tradicional militante para contribuir em seu periódico oficial, com circulação nacional?

Este artigo busca alguns caminhos para responder a essas perguntas. Primeiramente, busca-se analisar a trajetória de Rodrigues para encontrar pontos que possam ser consoantes com o integralismo. A seguir, uma breve análise do movimento integralista, da questão racial no integralismo e da importância do jornal para a difusão do movimento. Por fim, a análise do trabalho do crítico, que em suas análises cinematográficas trouxe à tona temas pouco usuais no periódico, como a valorização dos artistas negros e a denúncia do racismo.

A trajetória de Ironides Rodrigues

Para traçar o perfil biográfico que pretendemos aqui, nossas principais fontes serão os escritos deixados por Rodrigues sob o nome de *Diário de um negro atuante*. Estes escritos foram publicados pela revista *Thoth*, editada pelo gabinete do então senador Abdias Nascimento. Neles, Rodrigues discorre sobre a sua trajetória e pelas causas em que militou. Como o título sugere, não causa espanto que nestes excertos o tema principal a ser tratado seja a causa negra. O seu *Diário* não constitui propriamente uma autobiografia no sentido clássico, pois não segue uma ordem cronológica clara, mesclando, ao lado de informações sobre sua vida pessoal, longas opiniões sobre escritores e diretores de cinema, além de observações sobre o cotidiano dos lugares onde viveu: sua Uberlândia natal e o Rio de Janeiro. À parte dos dados autobiográficos, podemos dizer que se trata de um trabalho de cunho memorialista. O próprio Rodrigues confirma esta hipótese, salientando:

Claro que este diário ou caderno sai assim desordenado, desconexo, como a oscilação emocional de nossas vidas. Os episódios não seguem uma cronologia precisa e sim acompanham a instabilidade de inspiração do autor. As imagens se sucedem e se confundem, como nas figuras coloridas e emaranhadamente dispostas de um caleidoscópio. (Rodrigues, 1997b, p. 224)

Ao trabalhar com biografias, é importante que tenhamos em mente que, ao contrário do senso comum, não há uma sequência cronológica e lógica dos acontecimentos na vida de uma pessoa. Para Pierre Bourdieu (1996), aceitar como verdadeira a premissa de uma vida enquanto um “deslocamento linear” seria aceitar implicitamente a filosofia da

história enquanto sucessão dos acontecimentos históricos, uma história *événementielle*. Em se tratando da vida de uma pessoa, os eventos não seguem uma linearidade ou possuem relações de causalidade explícitas. São as pessoas, que ao tratar de suas vidas, concatenam os acontecimentos dando-lhes causas e sentidos (Bourdieu, 1996). Para o pensador francês, aceitar a vida como uma história “(...) talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.” (Bourdieu, 1996, p. 185); e é isso o que o autor chama de “ilusão biográfica”. O teórico faz a advertência de que se deve prestar atenção à questão dos “mecanismos sociais que favorecem ou autorizam a experiência comum da vida como unidade e totalidade” (Bourdieu, 1996, p. 185), tratando os eventos biográficos como “colocações e deslocamentos” no espaço social.

Ironides Rodrigues nasceu em Minas Gerais em Uberabinha (atual Uberlândia) em sete de setembro de 1923, filho de Maria Rita e Augusto Rodrigues. Sua mãe trabalhava como empregada doméstica e seu pai era motorista, profissão incomum na época. Teve dois irmãos: José, falecido ainda criança, e Almiro. No Diário, Rodrigues relata que ainda em sua infância o pai abandonou a família, o que levou sua mãe ao alcoolismo (Rodrigues, 1997b). Embora estes fatos pareçam bastante traumáticos, Rodrigues recorda sua infância e juventude com carinho e nostalgia, descrevendo de maneira poética a cidade e seus moradores:

Ali os moçambiques se aprontavam, ensaiavam seus passos de dança em frente à casinha de D. Teresa. Depois do destrançar das fitas e de modularem as músicas africanas de estilo, saíam pelas ruas da cidade, não sem passarem primeiro pelas casas das juízas ou festeiras de Nossa Senhora do Rosário. Mesmo depois de terminada a festa, a congada ainda dançava e cantava pelas ruas, após três dias seguidos. (Rodrigues, 1997b, p. 199)

A consciência racial foi expressa ainda na juventude, como aponta o próprio Ironides: “em Uberlândia, eu e o Chico Pinto, irmão de Grande Otelo, tínhamos um jornalzinho, A Raça, em que debatíamos que a única esperança para tirar o negro da miséria econômica e cultural em que ele está mergulhado é a educação” (Rodrigues apud Santos, 2011)

Rodrigues partiu para o Rio de Janeiro na década de 1940, para cursar o ensino secundário no Colégio Pedro II e no Colégio Universitário. Rodrigues inicialmente viveu modestamente em uma pensão onde também era encarregado dos serviços domésticos, com o objetivo de prestar vestibular para o curso de direito.

O ano de 1944 é significativo, pois neste ano é fundado por Abdias Nascimento o Teatro Experimental do Negro (TEN), em que Rodrigues atuaria como educador desde seus primeiros estágios. A ideia de fundar o Teatro surgiu quando Nascimento assistiu à peça *O imperador Jones*, de Eugene O'Neill, em 1941. No espetáculo, o protagonista Brutus Jones (um homem negro) foi interpretado por um ator branco pintado de negro:

Por que um branco brochado de negro? Pela inexistência de um intérprete dessa raça? Entretanto, lembrava que, em meu país, onde mais de vinte milhões de negros somavam a quase metade de sua população de sessenta milhões de habitantes, na época, jamais assistira a um espetáculo cujo papel principal tivesse sido representado por um artista da minha cor. Não seria, então, o Brasil, uma verdadeira democracia racial? (Nascimento, 1997, p. 230)

Nascimento deplorava que, no Brasil, restariam aos negros apenas papéis secundários e caricaturais na produção literária e teatral, sendo o TEN um “organismo teatral aberto ao protagonismo do negro, onde ele ascendesse da condição adjetiva e folclórica para a de sujeito e herói das histórias que representasse” (Nascimento, 1997, p. 230). O TEN trabalharia pela valorização social do negro no Brasil, através da educação, da cultura e da arte; não interessando “aumentar o número de monografias e outros escritos, nem deduzir teorias, mas a transformação qualitativa da interação social entre brancos e negros” (Nascimento, 1997, p. 231). Ainda segundo o idealizador do TEN, este se constituiria em “um empreendimento de caráter pedagógico que tem por objetivo contribuir para que se desfaçam as tensões ainda discerníveis nas relações de raça no Brasil” (Nascimento apud Romão, 2005).

Para Guerreiro Ramos, sociólogo e importante liderança do TEN, em sua obra “Introdução crítica à sociologia brasileira”, este teria, além da utilização do teatro como forma de educação para a população negra, quebrar a ideia do estudo do negro como algo exótico, sendo seus objetivos principais:

- 1) formular categorias, métodos e processos científicos destinados ao tratamento do problema racial no Brasil;
- 2) reeducar os “brancos” brasileiros, libertando-os de critérios exógenos de comportamento;
- 3) “descomplexificar” os negros e os mulatos, adestrando-os em estilos superiores de comportamento, de modo que possam tirar vantagens das franquias democráticas em funcionamento no país. (Ramos apud Oliveira, 2008, p.135)

Nas palavras de Rodrigues, o TEN “tinha por base o teatro como um veículo poderoso de educação popular” (Rodrigues, 1997b, p. 208). O contato com a instituição

se deu através do advogado e ator Aguinaldo Camargo, também um militante da causa negra:

Só em contato com um negro de gênio como Aguinaldo Camargo é que tive a ventura de penetrar num reduto em que um pugilo de crioulos rebeldes e indomáveis mostrava o que era brigar de fato por uma ideia aliada a um forte contingente cultural e espiritual que era o Teatro Experimental do Negro. (Rodrigues, 1997b p. 207)

Sua atuação mais notável, no TEN, foi ter ministrado um curso de alfabetização para adultos, com vistas à preparação de atores. Consta, entretanto, que o sucesso dessas aulas fazia com que não apenas negros ou aspirantes ao teatro compareciam a elas, mas pessoas humildes das mais variadas origens:

Para atrair a população interessada, as inscrições para as aulas de alfabetização e iniciação cultural eram publicadas em jornais cariocas e muitos operários, empregadas domésticas e até funcionários públicos procuraram a entidade para se inscrever (Santos, 2011, p. 53)

Todavia, Santos (2011) afirma que a intenção do curso era voltada para a comunidade negra, tendo em vista sua emancipação e o combate ao racismo. Romão (2005) afirma que embora não afrocentrista, a perspectiva educativa apresentava-se de forma afrocentrada; não havendo uma afirmação da África como o centro do modelo social, mas da identidade do negro como uma instância possível, embora ainda não como referência constitutiva de um modelo social.

Neste curso, além da alfabetização para a preparação de atores, eram ministradas noções de “português, história, aritmética, educação moral e cívica (...) noções de história e evolução do teatro universal, tudo entremeado com lições sobre folclore afro-brasileiro” (Rodrigues, 1997b, p. 208). Abdias Nascimento (1997) nos fala em cerca de 600 inscritos.

A primeira peça encenada pelo TEN foi justamente *O imperador Jones*. Nascimento (1997) relata que escreveu ao dramaturgo pedindo a permissão para encenar a peça. O'Neill respondeu não apenas permitindo que se encenasse a peça como também abrindo mão de seus direitos autorais. Na qualidade de um drama sobre um escravo liberto que se deixa seduzir pelo poder, é uma peça bastante simbólica pelo forte conteúdo racial. A *première* ocorreu no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, o que demonstra a notoriedade do projeto. A crítica foi receptiva e elogiosa, tecendo comentários entusiasmados em relação ao TEN e ao ator Aguinaldo Camargo, intérprete do protagonista Brutus Jones. Para Nascimento, “encerrada estava a fase do negro sinônimo de palhaçada na cena brasileira” (1997, p. 232). Entre outras peças encenadas pelo TEN,

cabe destacar *Sortilégio*, de autoria de Abdias Nascimento; *Sinfonia da favela e Agonia do Sol*, ambas de autoria de Ironides Rodrigues.

Outro aspecto relevante enquanto à atuação do TEN foi a fundação do jornal *O Quilombo*, que circulou entre 1948 e 1950, alcançando doze edições. O objetivo principal do jornal era trabalhar pela valorização do negro no campo cultural, social, político, econômico e artístico (Oliveira, 2008). Em todas as edições do jornal era publicado o seu programa de cinco medidas, das quais cabe destacarmos a segunda:

Esclarecer ao negro que a escravidão significa um fenômeno histórico completamente superado, não devendo, por isso, constituir motivos para ódios ou ressentimentos e nem para inibições motivadas pela cor da epiderme que lhe recorda sempre o passado ignominioso; (Quilombo apud Oliveira, 2008, p. 140)

Esta medida do jornal insere-se num contexto de amplo debate sobre a “democracia racial” brasileira, tendo como objetivo de evitar as acusações de “racismo às avessas” de que poderia sofrer. O próprio Gilberto Freyre, defensor da miscigenação e da “democracia racial”, escreveu um artigo no primeiro número de *O Quilombo*, onde apelava para uma valorização do elemento negro enquanto constituinte da cultura brasileira (Oliveira, 2008). Esta postura de não-enfrentamento era acolhida por certos membros do TEN, em contraposição àqueles que, como Rodrigues, eram mais influenciados pelo movimento da *Négritude* e tomaram posições mais contundentes. Essas ideias divergentes entrariam em conflito no I Congresso do Negro Brasileiro de 1950.

No Quilombo, Rodrigues foi responsável pela seção Livros em quatro edições, onde era chamado ora de escritor e ora de professor. Foi encarregado da tradução de textos em francês, tendo traduzido, Blaise Cendrars e Georges Bataille, além do ensaio Orfeu Negro, de Jean-Paul Sartre, cujo existencialismo o influenciaria e que teve papel de destaque na sua concepção da *négritude* (Oliveira, 2008).

No mesmo ano de fundação do TEN, 1944, Rodrigues entrou na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Tendo que se sustentar, o autor, ao longo do curso, dava aulas para aqueles que ali pretendiam ingressar. Formou-se apenas em 1974. Sobre isso, afirma:

O título de advogado e bacharel em Direito, que consegui em 1974, é um motivo de minha exultação, um fato grandioso e eloquente de minha existência apagada. Farei deste diploma um galardão para melhor defender os negros, o operário espoliado pela máquina capitalista e burguesa, para estar ao lado de todas as minorias oprimidas, como os gays marginalizados e as prostitutas tão perseguidas, sem esquecer o índio brasileiro (...) (Rodrigues, 1997a, p.135)

No Diário afirma trabalhar no Ministério do Trabalho desde 1954. Sobre seu emprego de funcionário público, Rodrigues guarda ressentimento:

Ser funcionário público desde 1954 e por mais de vinte anos ver tantas injustiças, com tantas promoções imerecidas e afrontosas. Ser funcionário público e, após tantos sonhos desmoronados, não confiar mais nas promessas de quem quer que seja. (...) Poderão citar o exemplo de Machado de Assis, que foi funcionário público exemplar, que amava tanto a sua repartição (...). Mas isso já é um caso de doente congênito ou de doença patológica (Rodrigues, 1997b, p. 244).

Embora não gostasse de seu trabalho enquanto funcionário público, pelas indicações em seu Diário somos levados a crer que em seus últimos anos não enfrentou dificuldades financeiras. Não sabemos se, à época de sua morte, ainda trabalhava ou já estava aposentado.

Outro fato marcante da trajetória de Rodrigues foi sua participação no I Congresso do Negro Brasileiro, sediado em Campinas, em 1950. Francófilo, o autor foi um dos divulgadores do movimento *Négritude*, formado por intelectuais negros de língua francesa (Barbosa, 2013). A *Négritude* tinha como expoentes autores como Aimé Césaire, nascido na Martinica, e Léopold Senghor, que mais tarde se tornaria presidente do Senegal. Segundo Muryatan Barbosa (2013), encontramos dois sentidos no termo *négritude*: o primeiro seria uma aceitação do fato de ser negro e aceitar seu destino, história e cultura; com vistas a uma reavaliação da identidade negra de forma positiva. O segundo sentido do termo encontra-se próxima do pan-africanismo: como luta pela emancipação dos negros do colonialismo. Entre seus apoiadores, encontramos Jean-Paul Sartre, que o definiu como “la négation de la négation de l’homme noir” no seu ensaio Orfeu Negro. Rodrigues traduziu diversos autores do movimento, e, no Congresso, apresentou um ensaio que teve grande repercussão: A Estética da Negritude. A repercussão de seu ensaio foi determinante nos rumos pelos quais seguiu o movimento negro ao longo dos anos 1950. Sua proposta mais próxima dos autores francófonos e também mais radical acabou por se contrapor a uma visão mais “domesticada” da *négritude*, defendida notadamente por Guerreiro Ramos em razão da política de alianças do TEN, com vistas a um projeto integracionista no pós-Estado Novo (Barbosa, 2013).

Houve uma cisão entre os que defendiam a posição de Rodrigues e Abdias Nascimento e os que acabaram por não assinar a declaração final do Congresso, apresentando um outro documento, a Declaração dos Cientistas. Este documento, assinado por Guerreiro Ramos e Darcy Ribeiro, entre outros, se eximia de

responsabilidade em relação aos desdobramentos políticos do congresso, acreditando que poderia acabar havendo um racismo às avessas:

Todo este embate enterrou definitivamente o desejo de Abdias e outros líderes negros em transformar o I Congresso do Negro Brasileiro em uma aliança concreta entre as elites políticas e culturais e a intelligentsia do TEN. Afinal, a proposta de uma visão afirmativa da negritude era uma posição que os acadêmicos ali presentes não estavam dispostos a aceitar, a não ser Guerreiro Ramos, que já era membro do TEN. (Barbosa, 2013, p. 179)

O ensaio de Rodrigues, entretanto, não foi publicado.

Não se sabe exatamente como se deu o contato entre Rodrigues e o Integralismo. Sabemos que Abdias Nascimento foi simpatizante do movimento, tendo aderido aos dezenove anos e militado pela causa por quatro anos, quando percebeu o racismo velado do movimento (Nucci, 2012). Rodrigues também manteve uma relação de amizade e admiração por Tasso da Silveira, poeta católico e integralista que contribuía na seção cultural de *A Marcha*. De qualquer maneira, sua primeira contribuição assinada foi um artigo de crítica literária que aparece em maio de 1954.

Embora a crítica cinematográfica tenha sido a mais destacada atuação de Rodrigues n'*A Marcha*, cabe salientar que por alguns períodos o autor também contribuía com a crítica literária. Tal qual em relação ao cinema, ao tratar de literatura Rodrigues privilegiava autores de obras com viés espiritualista, principalmente católico.

No seu Diário, Rodrigues fala sobre o integralismo com entusiasmo, elogiando a obra de Plínio Salgado, embora não explicita como travou conhecimento com o movimento ou com seu líder:

Dessas ideias de Estado forte, partimos para o integralismo lusitano de Antônio Sardinha e para o integralismo tão nacionalista de Plínio Salgado, palpitante de brasilidade e heroísmo em *O estrangeiro*, *O cavaleiro de Itararé* e naquela cartilha de civismo que ele escreveu para a juventude pátria, *Geografia sentimental* (Rodrigues, 1997b, p. 240).

Rodrigues também lembra com carinho do período em que contribuiu com *A Marcha*:

Por mais de quinze anos convivi com Plínio Salgado em *A Marcha*, jornal de espírito doutrinário e político que saía todas as quintas-feiras no Rio. Era impresso nas oficinas do Diário Carioca, na Avenida Rio Branco, e por isso eu tinha de levar minhas críticas literárias e de cinema às segundas-feiras. Indo até as oficinas do Diário, encontra-me Gumercindo Dórea, redator de *A Marcha*. (...) *A Marcha* era um jornal sério, lido em todo o Brasil, em que fiz penetrantes análises das mais importantes obras da sétima arte (...) (Rodrigues, 1997b, p. 241).

O autor tece diversos elogios ao líder integralista, rememorando uma ocasião onde Salgado o defendeu das críticas em razão de artigo seu onde atacava um livro de um sacerdote baiano sobre Monteiro Lobato:

É de uma lucidez extraordinária, pondo nos livros, artigos, ensaios e poemas que escreve a enciclopédia cerebral que lhe tumultua a mente de pensador cristão e poderoso e inspirado romancista social. (...) Que alma pura e sem ódios. (...) Há muitas injustiças e calúnias espalhadas contra o grande escritor de *A Vida de Jesus*. (...) Quando ataquei um padre baiano que escrevera um livro sectário sobre a literatura infantil de Monteiro Lobato, recebi cartas desaforadas, de várias partes do Brasil, em defesa do sacerdote atrabiliário. Plínio Salgado me defendeu, dizendo que os erros de visão estética de Monteiro Lobato eram bem de seu tempo (...) (Rodrigues, 1997b, p. 242)

Entre os jornais com os quais colaborou com a crítica cinematográfica e literária, se pode citar, além d'A Marcha, o Correio da Manhã, em que fazia cotações de filmes. Na sua atuação na imprensa, travou conhecimento com vultos da literatura brasileira, como Carlos Drummond de Andrade e Graciliano Ramos.

O catolicismo de Rodrigues aparece em diversas referências em seu Diário, embora sem o tom apaixonado das colunas cinematográficas. Entretanto, nota-se mais de uma vez a expressão “Santa Igreja” quando se refere à Igreja Católica. No Diário, as menções vão mais ao sentido de apontar a “benéfica influência católica no Brasil” (Rodrigues, 1997b) em detrimento do protestantismo. Em mais de uma ocasião podemos observar críticas do autor ao protestantismo, principalmente sua influência nos negros americanos:

Sempre achei o protestantismo um meio poderoso para escravizar o negro e mantê-lo calado e apático, pois até dentro das igrejas evangélicas e presbiterianas há lugares segregados para brancos e negros, como se deu nos templos batistas ou protestantes dos nossos antigos colonizadores holandeses... Nesse ponto, o catolicismo foi mais benéfico entre nós, pois não destruiu o reduto de cultura africana de nossos negros, aceitando as religiões e cultos (...) Daí a riqueza maior de lendas, folclores, misticismos, do negro brasileiro, numa prova de que a colonização portuguesa foi mais sábia e acertada (...). (Rodrigues, 1997b, p. 214-5)

Neste outro trecho, podemos observar com clareza a imagem que Rodrigues tinha das igrejas reformadas: “o negro brasileiro é muito mais inteligente, criador e mais livre em suas expansões culturais que o negro americano, tolhido por uma estreita e bitolada filosofia protestante e luterana” (Rodrigues, 1997b, p. 216).

Entretanto, Rodrigues reconhece que há racismo também na Igreja Católica, comentando o fato de algumas irmandades não aceitarem negros. Outro motivo de sua devoção católica é Nossa Senhora Aparecida:

Até nesse ponto místico e racial o Brasil deu um exemplo sem igual ao mundo. A padroeira do meu país é uma preta, achada no rio Paraíba, em Guaratinguetá, numa rede que os pescadores lançaram ao rio. Nossa Senhora Aparecida é negra retinta, mas isso não a impediu de ser padroeira desse colosso sul-americano. (Rodrigues, 1997b, p.215)

Entre os projetos que empreendeu, há a biografia de Dom Silvério Gomes Pimenta (1840-1922), arcebispo negro de Mariana. Nesse projeto podemos observar a conciliação de duas questões importantes para o autor: a racial e a religiosa. Rodrigues, em seu Diário, dedica longas páginas ao falar do religioso, que, apesar de sua origem humilde, fez brilhantes estudos e galhardeou uma posição de destaque na sociedade da época, sendo elevado ao arcebispado e eleito membro da Academia Brasileira de Letras.

Rodrigues viveu as últimas décadas de sua vida em um apartamento no subúrbio carioca de Bento Ribeiro, tendo denominado alguns de seus escritos como Serões de Bento Ribeiro. Embora não saibamos a causa de sua morte em 1987 aos 64 anos, consta que sofria de diabetes. Em seu Diário, afirma:

Deixo, no testamento, que o apartamento em que moro seja transformado num centro de estudos, principalmente dos problemas afro-brasileiros, com os quatro mil livros servindo de consulta aos estudiosos ou para os alunos pobres, que não podem comprar os compêndios indicados pelo professor. (Rodrigues, 1997a, p. 155)

O integralismo

Durante muitos anos, houve um acalorado debate acadêmico sobre o caráter fascista ou não da Ação Integralista Brasileira (AIB). Atualmente, tem-se a compreensão de que o integralismo brasileiro não apenas possuiu caráter fascista, assim como constituiu a maior experiência fascista fora da Europa (Griffin, 2022). Seu fundador foi o escritor e jornalista Plínio Salgado. Nascido em São Bento do Sapucaí, no seio de uma família católica e tradicional da região. Em 1922, participou ativamente da Semana de Arte Moderna, imbuído de um forte caráter nacionalista. Leandro Gonçalves (2012) faz uma ressalva em relação ao “modernismo” de Salgado, que para ele estaria mais próximo de uma ação “reformista”, tendo aderido “ao jogo” dos modernistas com ambições políticas.

Salgado aproximou-se das vertentes mais conservadoras do modernismo, ao lado de Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo, com quem atuou no movimento *Verde-Amarelo* e no grupo *Anta*. Em 1930, viajou à Europa. Na passagem pela Itália, encantou-se com o fascismo de Mussolini. No dia 17 de outubro de 1932, foi lançada a Ação Integralista Brasileira, com a leitura do *Manifesto* (conhecido como *Manifesto de outubro*) em sessão solene no Teatro Municipal de São Paulo (Calil, 2001):

No *Manifesto de outubro de 1932*, Plínio Salgado expôs seus propósitos para o Brasil. O autor e político deixou explícita no manifesto sua proposta política para o Brasil: a defesa de um nacionalismo baseado no conservadorismo, tendo a manutenção da propriedade como forma de organização social, a aversão ao cosmopolitismo para uma sociedade forte e organizada dentro de um contexto tradicionalista. (Gonçalves, 2012, p.87)

Os dois pilares que sustentam o integralismo são o nacionalismo e o espiritualismo. De acordo com Trindade (2016), o nacionalismo é a principal ideia-força por trás do *Manifesto de outubro*, tendo um conteúdo mais cultural do que econômico, buscando uma tomada de consciência nacional traduzida pelo *slogan* “Despertemos a Nação”. Com o desenrolar do movimento, esse nacionalismo adquiriu um caráter anticosmopolita, principalmente na defesa dos interesses econômicos do Brasil em face do capitalismo financeiro internacional. Essa dimensão econômica aparece sobremaneira nos outros dois líderes do movimento, o antisemita Gustavo Barroso, que atribuía aos judeus nefasta influência no desenvolvimento econômico nacional, e Miguel Reale, que, oriundo do marxismo, possuía uma visão mais essencialmente econômica. O nacionalismo pliniano é mais ligado ao contexto dos anos 1920 e possui um traço romântico e lírico, muito presente em sua obra *Geografia sentimental*, exaltando o homem e a terra, uma nova raça em formação e a busca no passado dos fundamentos da civilização brasileira.

O espiritualismo aparece na concepção de sociedade almejada pelos integralistas. Buscava-se uma sociedade harmoniosa cujas raízes estão em uma visão idealizada da Idade Média. Essa harmonia social dependia de uma firme concepção hierárquica da sociedade derivada das diferenças naturais entre os homens (Trindade, 2016). Gonçalves (2012) aponta essa visão como fruto da influência da encíclica *Rerum Novarum*, que inaugurou a doutrina social da Igreja e que influenciou movimentos como a *Action Française* e o Integralismo Lusitano.

Gilberto Vasconcellos (2017) destaca o primado do espírito sobre a matéria no discurso integralista. Para o autor, a crítica ao socialismo promovida pelos integralistas

não se baseava numa questão de eficiência ou de maior produtividade do sistema capitalista, e sim em subordinar o espírito à matéria. Essa crítica é dirigida inclusive ao sistema capitalista.

A organização integralista, rígida e hierárquica, pressupunha o Chefe Nacional, inspirado no modelo fascista. Essa posição foi ocupada, naturalmente, por Plínio Salgado. O poder do *Chefe* é absoluto, “mais do que uma pessoa, ele é a encarnação da ‘ideia’ integralista” (Trindade, 2016a, p. 79). O aspecto simbólico do integralismo possuía alta relevância e é um dos elementos que o aproximam mais explicitamente dos fascismos europeus. Como símbolo do movimento, foi escolhida a letra grega *sigma* (Σ), símbolo do cálculo *integral*. Como nos fascismos europeus, era utilizada a saudação romana, acompanhada de uma palavra indígena, “anauê!”, que é uma forma de saudação na língua tupi que significa algo como “você é meu amigo”. Além disso, o uso da camisa-verde como uniforme integralista foi tão marcante que os integralistas começaram a ser chamados simplesmente de *camisas-verdes* (2016). Esses aspectos simbólicos encontrados no integralismo têm como objetivo proporcionar uma socialização ideológica entre os militantes, inspirados no fascismo.

O integralismo contava com diversos departamentos em sua organização, criados no Congresso de Vitória, em 1934, e no Congresso de Petrópolis, em 1935, sendo todos naturalmente subordinados ao Chefe Nacional. Trindade aponta no integralismo uma organização pré-estatal:

Nesta perspectiva, estava formado o Estado Integralista em potencial, que era muito mais do que um “contragoverno” ou gabinete de oposição. Ele funciona como um verdadeiro Estado totalitário que possui não somente uma ideologia de Estado, mas utiliza-se de meios estatais como de um aparelho burocrático interno, de Forças Armadas paralelas (a Milícia), de uma política de socialização e de reeducação dos militantes e de uma legislação própria (resoluções, regulamentos, medidas de censura, etc.), assim como de um tribunal e de um corpo de “magistrados” para julgar as ações de seus membros. (Trindade, 2016a, p. 83)

A AIB teve uma trajetória ascendente até ser extinta em 1937, após o golpe do Estado Novo. Houve uma tensão crescente entre os militantes integralistas e os membros do novo regime, que culminou com uma fracassada tentativa de golpe contra Getúlio Vargas em 1938. Embora não tenha sido perpetrado exclusivamente por camisas-verdes, o acontecimento ficou conhecido como *putsch* integralista.

A questão racial na Ação Integralista Brasileira

Conforme Oliveira (2010), o racismo integralista foi estudado, principalmente, pelo antissemitismo. Gustavo Barroso, um dos principais ideólogos e o número dois da hierarquia integralista, foi um virulento antissemita, tendo escrito obras de cunho histórico que apontavam os judeus como responsáveis pelas mazelas do Brasil.¹ O antissemitismo de Barroso não foi esposado de forma completa pelos demais ideólogos da AIB, embora Trindade (2016) aponte que a dimensão antissemita está muito presente no universo ideológico dos integralistas.

De acordo com Natália Cruz (2004), apesar do discurso humanista de integração e do aspecto não racista oficial do movimento, a defesa dos integralistas em relação aos ideais de miscigenação visava, em sua finalidade, ao branqueamento da população. Nesse sentido, o projeto de uma nação integral, corporativista, sem conflitos, homogênea racial e culturalmente passava por essa defesa da miscigenação. Assim, o nacionalismo integralista combatia a manutenção de identidades culturais de comunidades de imigrantes, defendendo a nacionalização dessas comunidades com conotações racistas, pois acabavam por fomentar a ideia de uma raça única brasileira, branca. Para a consolidação desse projeto, Salgado, principalmente, utilizou do simbolismo tupi, que seria o fator étnico comum de todos os brasileiros (Trindade, 2016).

Além da defesa da miscigenação, os integralistas destacavam o valor do trabalho negro na construção nacional e os feitos heroicos de indivíduos negros na história do Brasil. Cruz (2004) destaca a figura de Henrique Dias, que lutou ao lado de portugueses e indígenas na expulsão dos holandeses no período colonial. Em textos de Plínio Salgado e Gustavo Barroso, Dias é louvado como herói nacional, sendo o elemento negro valorizado como pacífico no trabalho e valente na guerra. Entretanto, há que se frisar que o discurso integralista acabava por dar primazia à contribuição e ao modo de vida branco, conciliador da vida nacional.

O exílio de Plínio Salgado e o Partido de Representação Popular

Após o *putsch*, Plínio Salgado partiu para o exílio e chegou em Portugal em 1939. Ficaria no país até 1946. Este período é de alta relevância para o futuro do integralismo, pois Salgado opera uma reformulação ideológica baseada no regime tradicionalista e católico de António de Oliveira Salazar. Para isso, Salgado acentuou sua imagem de pensador religioso, o que culminou com o lançamento em Portugal da sua *Vida de Jesus*, que teve uma recepção muito favorável nos meios conservadores portugueses. A imagem

religiosa também foi uma forma de se desvincular do fascismo, ao qual era muito ligado no Brasil.

Ainda em Portugal, em 1945 Salgado orientou seus correligionários no sentido da formação de um partido político, chamado Partido de Representação Popular. Quando retornou ao Brasil, no ano seguinte, assumiu a presidência do partido, cargo que exerceria até a extinção do PRP, em 1965, já no contexto da ditadura civil-militar.

O contexto pós-guerra exigiu que fossem feitas significativas alterações no movimento integralista. Com a derrota do nazi-fascismo, os símbolos mais associados com tal projeto – a camisa-verde, o sigma, a saudação romana – foram abandonados. O partido faz um esforço para frisar seu conceito espiritualista cristão (principalmente católico, mas não só). Tais mudanças permitem a existência do projeto integralista por duas décadas.

É notável que o PRP não teve a dimensão e a estrutura que a AIB teve na década de 1930. Entretanto, seria leviano apontar o partido como insignificante no período. O PRP teve bons resultados eleitorais no sul do Brasil e elegeu deputados e senadores. Talvez o momento de maior destaque do partido tenha sido a candidatura de Plínio Salgado à presidência, em 1955. O integralista ficou em terceiro lugar no pleito, tendo conquistado consideráveis 8,28% dos votos. Calil (2005) aponta que o apoio de Salgado à Juscelino Kubitschek no segundo turno da eleição contribuiu para a sua vitória. Outro momento em que o PRP teve um papel decisivo e controverso foi a eleição para o governo do Rio Grande do Sul em 1958: o partido decidiu apoiar o “esquerdista” Leonel Brizola, do Partido Trabalhista Brasileiro, que em troca apoiou o candidato integralista ao senado, Guido Mondin. Os dois sagraram-se vencedores. Tais movimentos denotam o caráter pragmático do PRP na busca pela sobrevivência política.

A insatisfação de uma parcela considerável dos militantes integralistas com os arranjos políticos do partido levou, no ano de 1957, a uma retomada de certos aspectos do integralismo da década de 1930. Como aponta Christofolletti (2010), para garantir mais uma vez a coesão entre sua militância, o partido se utilizou da efeméride de 25 anos do lançamento do *Manifesto de outubro* para retomar as simbologias integralistas que até então tinham sido deixadas de lado no PRP, como o uso do *sigma*, além da publicação de uma *Enciclopédia do Integralismo* como forma de manter a autonomia e a fidelidade partidária.

O episódio da eleição de Leonel Brizola ao governo gaúcho, referido acima, demonstra que a retomada das simbologias não teve por consequência uma atuação política mais autônoma.

O PRP foi extinto em 1965, pelo Ato Institucional n.2, já no contexto da ditadura civil-militar. Plínio Salgado, então deputado federal, então foi para a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido que dava sustentação ao regime militar.

O partido teve na imprensa o principal meio de divulgação de suas ideias. No seu período de existência, foram lançados três jornais de circulação nacional: *Reação Brasileira* (1945-1946), *Idade Nova* (1946-1951) e *A Marcha* (1953-1965). Este último periódico configura o principal instrumento de difusão da doutrina integralista e de propaganda partidária no período.

Em *A Marcha*, assim como em seus antecessores, observa-se a presença constante de um virulento anticomunismo, a incontornável e quase religiosa reverência à figura de Plínio Salgado, a propagação da doutrina integralista, o registro das atividades partidárias e a defesa e reavaliação da atuação da Ação Integralista Brasileira nos anos 1930. Para Victor (2012), *A Marcha* operou no sentido de garantir uma certa coesão entre os militantes integralistas, pacificando-os em relação ao passado:

Com efeito, supomos que o jornal *A Marcha*, bem como os seus antecessores (*Reação Brasileira* e *Idade Nova*), cumpriu importante papel na atualização do integralismo no pós-guerra. No jogo político pós-1945, para aqueles que foram integralistas e continuavam agrupados em torno de uma sigla política integralista, ter o passado recomposto foi decisivo. Se os jornais integralistas não conseguiram fazer com que as representações do passado, oriundas dos integralistas, se tornassem as representações mais compartilhadas, ao menos entre os militantes estabeleceu-se um passado mais condizente com o tempo presente, permitindo aos integralistas certa pacificação na relação com o passado e a afirmação do PRP, a partir da década de 1950, enquanto partido integralista. (Victor, 2012, p. 122)

Uma característica marcante de *A Marcha* em relação aos demais periódicos perrepistas é o destacado espaço conferido à cultura. A despeito de a configuração do jornal ter mudado por vezes em função da diagramação, a presença da seção “A Marcha das Artes e das Letras” é constante no periódico, ocupando a página central (portanto, duas páginas) até 1959, quando o jornal passou do formato tabloide para o formato *standard*. Considerando que o número de páginas variava entre oito e doze, tem-se a percepção de que a cultura era um tema caro ao PRP.

Na seção cultural, observam-se numerosos textos de crítica literária, poemas, além de textos marcados por conotações filosóficas e religiosas. Os colaboradores da seção cultural do jornal variavam com frequência, embora se possa destacar a presença do poeta Tasso da Silveira, ligado ao integralismo desde a década de 1930. A crítica teatral e de artes plásticas também se fez presente, esta última sendo assinada pelo escritor gaúcho

Walmir Ayala, cuja notoriedade ultrapassou os círculos integralista. O colaborador cultural mais constante, contudo, foi Ironides Rodrigues, que contribuiu com a crítica cinematográfica de 1954 até 1962.

Em relação à questão racial no PRP, percebe-se, ao longo da trajetória do partido, uma condenação do racismo em termos humanistas e cristãos. Na edição do dia 27 de setembro de 1957², por exemplo, em que o jornal estampa em sua capa os preparativos para a comemoração do jubileu de 25 anos do integralismo, há uma manchete em destaque que diz: “Os americanos do norte são tão racistas quanto era o nazismo”; com o subtítulo: “Fizeram uma guerra contra o racismo e lincham os negros com a maior crueldade”. Apesar do destaque na capa do jornal, a matéria é curta e não está assinada, porém é elucidativa em relação à posição do PRP sobre o racismo. Nela, há uma veemente condenação dos linchamentos de negros nos Estados Unidos, calcada em bases humanistas e espiritualistas. Dessa forma, entende-se que a posição do partido em relação à questão racial tem muitas continuidades no que diz respeito àquela defendida pela AIB: a discriminação racial não pode ser tolerada por ser anticristã:

O Povo Americano fez uma guerra contra a Alemanha sob o pretexto de que Hitler era racista e urgia combater o racismo. Pois bem. São agora os norte-americanos que dão este triste espetáculo ao mundo civilizado, ferindo, matando negros que pretendem, com garantia dada pela Lei, frequentar as Universidades do país. [...] É uma vergonha. Até quando esses hipócritas que entregaram metade do mundo à Rússia abusarão da nossa paciência? Apesar de se dizerem uns católicos e outros protestantes, o fato é que o materialismo constitui a força dominante nesse povo de fariseus. Mas de uma coisa podem ficar certos esses que até hoje têm iludido a boa-fé dos povos: Deus existe. E Deus tomará conta de tamanhas iniquidades. (A MARCHA, n. 224, 29 jul. 1957)

Nota-se que ao criticar a violência contra os negros nos Estados Unidos, a matéria aproveita o ensejo e expressa um pensamento anticomunista, que como salientado anteriormente, era um dos elementos mais característicos e distintivos do periódico.

As colunas de Ironides Rodrigues para A Marcha

Antes da colaboração de Ironides Rodrigues, o cinema era um tema presente nas páginas d’*A Marcha*. Embora a coluna (batizada de “A marcha cinematográfica”) fosse mais concisa do que as escritas por Rodrigues, isso já denota a importância que o cinema possuía no jornal, embora sem a orientação mais explicitamente doutrinária de Rodrigues e sem a profundidade de suas análises.

Embora algumas das colunas cinematográficas fossem provavelmente escritas por Rodrigues em razão do estilo de escrita, não se pode afirmar isto com certeza, pois estas colunas não são assinadas. A primeira contribuição explícita de Rodrigues na crítica cinematográfica surge no nº 65 do jornal, datando de 21.05.1954, ocupando mais de meia página. Esta contribuição, que leva o nome de *O cinema americano e uma tentativa de revolução*, que se constitui em uma longa resenha de filmes lançados em 1954, ainda não percebemos referências ao catolicismo ou à questão, dois dos aspectos mais contundentes de sua trajetória.

Outro aspecto relevante da crítica cinematográfica de Rodrigues é o autor por vezes faz críticas técnicas a certos aspectos dos filmes, como uma duração excessiva ou lentidão nos diálogos. Entretanto, o autor evitava fazer críticas que fossem majoritariamente negativas.

As colunas cinematográficas de Rodrigues localizavam-se geralmente na penúltima página do jornal, e com frequência ocupavam mais de meia página. Se se leva em conta que A Marcha era um jornal cujo número de páginas situava-se em média entre dez e doze, isso denota a importância que estas colunas possuíam.

É preciso ser levada em consideração a mobilização dos católicos em relação ao cinema, a partir da década de 1950. Desde cedo a Igreja apercebeu-se da importância da indústria cultural e organizou-se no sentido de criar uma ação coordenada a nível mundial (Lunardelli, 2002). Em 1928 foi criado o *Office Catholique International du Cinema*. Em 1936, o Papa Pio XI escreve a encíclica *Vigilanti Cura*, que demarca a posição da Igreja Católica na questão do cinema, principalmente na classificação moral dos filmes. Sobre a encíclica, Ironides Rodrigues, faz um breve comentário em sua coluna de 24.08.1956, *Prisioneiro do Remorso*, onde salienta o pioneirismo do pontífice a tratar do cinema.

A Igreja intensificou sua ação nos anos 1950, com vistas à atenção dos jovens e sua educação moral a partir das diretrizes do *Institute de Hautes Études Cinématographiques*, sediado na Bélgica. No país também surge a Juventude Operária Católica, que usava do cinema para contrapor o comunismo. No Brasil, é criado em 1953 o Centro de Orientação Cinematográfica, ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que tinha como objetivo fomentar o aparecimento de cineclubes católicos. De acordo com Lunardelli (2002), o papel dos católicos foi marcante no desenvolvimento do cineclubismo brasileiro, utilizando a estrutura da Igreja, como paróquias, colégios e universidades, para realizar tais fins. A autora destaca também que, ao contrário de grupos leigos, os católicos que aderiam ao cineclubismo não eram

motivados principalmente pela paixão, emoção ou prazer da cinefilia, mas a partir de uma determinação externa educativa.

Não se sabe se Ironides Rodrigues fazia parte de algum cineclube, católico ou leigo. Entretanto, o crítico apoiava a iniciativa. Na coluna *Sobre clubes de cinema e a vinda de Christian Jacques*, de 6.07.1956, Rodrigues fala dos festivais organizados pelos cineclubes, que seriam de alta qualidade. O autor também nos fala de um festival organizado pelos Águias Brancas, movimento da juventude do PRP. Na coluna seguinte, de 13.07.1956, Rodrigues ainda nos fala sobre os cineclubes, estimulando a criação dos cineclubes católicos. Na coluna *A Igreja e o cinema*, de 10.08.1956, Rodrigues faz um balanço das publicações cinematográficas católicas no Brasil e no mundo, citando publicações de cineclubes de Belo Horizonte (Revista de Cinema), São Paulo (Sequência) e Porto Alegre (Estudos, de autoria de Humberto Didonet). Cita também prêmios concedidos por associações católicas estrangeiras, como o já citado Office Catholique International du Cinema e prêmio especial para filmes religiosos do Festival de Veneza.

Neste contexto de efervescência cultural católico no cinema, além de escrever para o órgão oficial de um partido que se distinguia pelo seu viés cristão, além da própria fé pessoal de Ironides Rodrigues, não surpreende que grande parte de suas colunas faça referência ao catolicismo.

Entretanto, a despeito de sua forte convicção religiosa, Rodrigues, em *Eu, Otávio de Faria e Alfredo Leite*, de 16.11.1956, faz uma ressalva no sentido de que sua fé não poderia privá-lo de perceber os aspectos estéticos de um filme: “Não esqueço que sou católico apostólico romano mas este privilégio de ser servo fiel da Santa Madre Igreja não me pode empanar a visão das mais variadas criações estéticas” (Rodrigues, 1956). Essa ressalva se mostra verdadeira quando percebe-se os elogios que o crítico faz ao cinema soviético e em especial aos filmes de Sergei Eisenstein. Ainda nesta linha, o autor faz diversos elogios ao filme *Rio 40 Graus*, de Nelson Pereira dos Santos, embora critique o marxismo do cineasta brasileiro; assim como faz com os filmes de Charles Chaplin.

Nesta mesma coluna, Rodrigues faz um elogio a Plínio Salgado enquanto teólogo, destacando que em filmes como *O Egípcio*, de Michael Curtis “está presente não o Cristo de caráter humano dos François Mauriac, Giovanni Pappini e dos materialistas Strauss e Renan, mas o Cristo vivo e eterno de Plínio Salgado, de Daniel Rops e de Guyau” (Rodrigues, 1956). Outro elogio ao chefe integralista pode ser encontrado em *A presença de Jesus na sétima arte*, de 25.12.1957, onde cita sua obra *Vida de Jesus*. Em sua coluna, *O inefável e o sobrenatural na obra de Robert Bresson*, de 25.10.1957, Rodrigues afirma que apenas sendo católico e conhecedor da liturgia da Igreja para compreender a obra do

cinasta francês. Através de seu uso do claro, do escuro e do som, Bresson conseguiria unir os ritos católicos à arte cinematográfica com maestria.

Ao tratar de Federico Fellini, cineasta italiano cuja obra máxima, *La Dolce Vita*, foi chamada pelo *Osservatore Romano*, periódico ligado ao Vaticano de *Schifosa* (nojenta) *vita* (Lunardelli, 2002), Rodrigues observava no diretor italiano um catolicismo “barroco e primitivo”, principalmente no seu filme *La Strada*.

O catolicismo também é um fator de que se vale o autor para criticar o comunismo, como nesta passagem em *Os melhores filmes de 1955*, de 20.01.1956:

Assistimos à covardia lamentável dos católicos e dos pseudo democratas do mundo todo, que insensíveis aos sofrimentos e às misérias da turba, deixam os comunistas vencerem, vergonhosamente, na França. Se cruzarmos os braços, num silêncio comprometedor e conivente, as hordas do mal acabarão por dominar o universo. (Rodrigues, 1956, p. 4)

Embora faça numerosas e ferrenhas críticas ao comunismo em várias de suas colunas, Rodrigues também fez críticas ao capitalismo em mais de uma ocasião. Em *O cinema e as misérias do mundo capitalista*, de 29.03.1957, e dedicada a Gumercindo Rocha Dórea, editor d’A Marcha, Rodrigues afirma que:

Até agora, o cinema não aprofundou o fenômeno do capitalismo no mundo moderno, com as estreitas competições entre os leões das indústrias, a louca ambição pelos maiores lucros, mesmo que os altos dividendos sacrifiquem o produtor médio e o operário também, que sempre leva a pior nos prêmios com os grandes tubarões da indústria e das finanças. (Rodrigues, 1957, p. 6)

O autor compara o “materialismo capitalista” como sendo tão nefasto quanto o “materialismo comunista”, pois impediriam a evolução espiritual do homem.

Outro tema de destaque em seu trabalho como crítico, embora apareça com menos frequência do que o catolicismo, é a questão racial e o racismo.

O fato mais marcante na trajetória de Rodrigues foi sua participação no movimento negro e na luta contra o racismo, tendo batizado suas memórias com o sugestivo título de *Diário de um negro atuante*. Tal qual a AIB, o PRP rechaçava a discriminação racial, ao menos oficialmente; o que não quer dizer de forma alguma que não houvesse racismo nas duas agremiações políticas. Como o PRP tomou o cristianismo como um aspecto diferenciador em relação aos demais partidos políticos da época, é compreensível que Rodrigues tenha dado atenção maior ao catolicismo nas suas análises cinematográficas.

No jornal, pode-se perceber que quando Rodrigues tratava da questão racial, tinha algumas preocupações: a valorização do artista negro, a análise de filmes antirracistas e as colunas mais explícitas sobre o racismo, em que estão presentes informações a respeito do movimento negro, em especial sobre a atuação de Abdias Nascimento e do Teatro Experimental do Negro. Embora o foco principal seja a questão relativa aos afrodescendentes, Rodrigues em menor grau denunciou em seus escritos o racismo contra outras etnias, como os judeus e os asiáticos.

Uma de suas mais emblemáticas colunas é a *Carta de apelo a Vinicius de Moraes*, de 2 de dezembro de 1955. É notável que o colunista tenha conhecido o poeta quando afirma que: “Nosso primeiro encontro se deve a mero acaso do destino, quando o compositor Bororó nos pôs um diante do outro, tendo ao nosso lado, se não me engano, o sambista Ismael Silva de ‘Se Você Jurar’ e o cronista musical de ‘O Globo’ – Sílvio Túlio Cardoso”. Rodrigues, após digressões em linguagem poética, faz um apelo a Vinicius para que este interceda ao produtor francês Sacha Gordine para que ele escolha atores do Teatro Experimental do Negro para o filme “Orfeu negro”:

Trata-se da filmagem de sua peça de tão grande conteúdo poético e humano: “Orfeu da Conceição”, revivendo o eterno mito grego da vitória do poeta sobre a morte. Ora, se Vinicius quer que sua peça tenha atores à altura da responsabilidade de tão grande empreendimento, nada mais oportuno que citar ao poeta uns nomes que ele deve aproveitar no elenco de sua fita. Há muitos anos, poeta, que venho lutando junto do Teatro Experimental do Negro, no sentido de dar maiores possibilidades ao artista de cor, invés de se pintar branco de preto ou dar os papéis mais ridículos para o artista “colored”. Nossa luta tem encontrado incompreensões de vários lados, mas deixa estar, poeta, que para jugular o racismo que está infiltrado no Brasil, temos esperança de sairmos vitoriosos. A MARCHA, coerente à sua doutrina antirracista, que vem do manifesto de “Anta” de Plínio Salgado, me tem apoiado, grandemente, neste afã. (Rodrigues, 1955, p. 8)

Na citação acima, percebe-se a preocupação do autor em relação à valorização do artista negro, além de ressaltar o “antirracismo” de *A Marcha* e do integralismo, algo que ocorre diversas vezes em suas colunas sobre o tema.

Em *O racismo inglês num filme de Robert Rossen*, de 13 de setembro de 1957, o colunista aborda a questão da descolonização da África e da Ásia e a influência do movimento da *Négritude*:

Já se disse que é chegado o momento do artista de cor exprimir sua própria dor, sem a falsidade e o tom de bizzarria que o escritor branco escreve em relação ao negro. Que a literatura negra é a única coisa revolucionária no mundo de hoje, já que a literatura ocidental na mais triste inexpressividade. E que a expressão – **Négritude** – é uma tomada de posição do negro atual, em face de sua secular modorra pelos séculos

afora, de que o maior estudioso do negro no momento – Guerreiro Ramos, deixou bem explícito no seu belíssimo “Caderno de um aprendiz de sociologia”. (Rodrigues, 1957, p. 7)

Mais adiante, o autor menciona a descolonização na África e na Ásia. Também é digno de nota que, embora seja incisivo em sua posição, Rodrigues opta por não realizar um enfrentamento direto contra o branco. Ciente do conservadorismo em torno do jornal em que escrevia e do partido a que ele estava vinculado, o colunista destaca sua visão espiritualista, consoante com a orientação partidária, para afirmar que a liberação dos povos colonizados não poderá prescindir do apoio dos brancos, pois todos são filhos de Deus:

Oswald Spengler bem que escreveu com certa profecia em “O Homem e a Técnica”, que o Século XX ia ser o de reivindicação dos povos de cor, como estamos vendo no movimento de libertação da África e da Ásia, de que a **Conferência de Bandung** é uma prova insofismável do amadurecimento político das raças de cor. É preciso notar que toda esta luta dos líderes negros no mundo, de Booker T. Washington, Marcus Gravis, Vachel Lindsay, Langston Hughes, Counlee e Richard Wright não é uma campanha cerrada contra o branco e sim, uma revolução cultural e econômica da gente negra, sem esquecer a colaboração dos brancos, de que nós nos sentimos ligados como filhos do mesmo Deus, criador do universo. Na África Francesa, é um Delafonse, um Aimé Césaire e um Léopold Senghor que elevaram o negro no ensaio e numa poesia de muita humanidade e universalismo. (grifo do original) (Rodrigues, 1957, p. 8)

Muryatan Barbosa e Thayná Costa (2019) apontam que o descontentamento do grupo ligado ao TEN que teve contato com as ideias da *négritude*, tanto pela esquerda (majoritariamente em função da prevalência da *classe* sobre a *raça*), quanto pela direita, fez com que se desenvolvesse um pensamento terceiro-mundista, não alinhado, que teve na Conferência de Bandung um de seus momentos mais importantes. Ao citarem um escrito de Rodrigues da década de 1980, afirmam:

(...) o autor [Rodrigues] não hesita em considerar a “Rússia” (de fato, União Soviética) socialista e os Estados Unidos capitalista como nações “igualmente discriminatórias”. Aqui cabe considerar a possível relação do pensamento de Ironides com a visão “terceiro-mundista” adotada pelas doutrinas do não alinhamento e do neutralismo, surgidas das Conferências de Bandung (1955) e Belgrado (1961). (Barbosa; Costa, 2019, p.12)

Mesmo ao colaborar com um jornal decididamente reacionário, percebe-se nos escritos de Rodrigues já nas décadas de 1950 e 1960 um veemente desacordo com a desigualdade social ocasionada pelo sistema capitalista. O autor também faz questão de frisar seu rechaço pelo socialismo em diversas colunas. Também como católico,

Rodrigues considera que ambos os sistemas acabariam por afastar as pessoas da dimensão espiritual.

O racismo velado no Brasil também é um tema de discussão, como, por exemplo, *Cinco vezes favela*, publicada em 20 de dezembro de 1962. Nessa coluna, Rodrigues denuncia a censura do governo brasileiro ao filme *Orfeu negro* em festivais internacionais, além de criticar a burguesia e defender os filmes que tocam em assuntos sociais:

É cinema de combate social, que mostra as mazelas e a indiferença de uma burguesia, em contraste com a fome e revolta, que ameaçam as favelas cariocas. Por que termos vergonha de ventilar estes assuntos se um Roberto Rossellini em “Paisá”, Jean Renoir em “Bas-Fond” e John Ford mesmo em “Caminho Áspero” e “As Vinhas da Ira” trataram com muita nobreza das massas tão desprezadas por seus respectivos governos? Já o Itamaraty não quis que o Brasil distribuisse “Orfeu Negro”, no Festival de Cannes, alegando que iriam dizer, vendo o filme, que o Brasil é um país só de negros. É um racismo velado que se precisa combater. (Rodrigues, 1957, p. 5)

A questão racial, como se tentou mostrar, teve espaço privilegiado de discussão nas páginas do jornal *A Marcha*, por intermédio das colunas de Rodrigues. Percebe-se que, embora, por vezes, o colunista chegasse a contrariar a posição estabelecida pelo partido, manteve sua coluna durante oito anos ininterruptos. Nesse sentido, as colunas de Rodrigues revelam uma feição pouco provável nas páginas de *A Marcha* e mesmo do integralismo no pós-guerra. Militante, educador, tradutor, dramaturgo e crítico cinematográfico, Rodrigues promoveu a questão mais cara a sua trajetória – a racial –, mesmo em um jornal de cunho altamente conservador, em que tais discussões não constavam na “ordem do dia” das preocupações. Mesmo que a tônica e a razão de ser de sua colaboração estejam na vinculação de Rodrigues ao catolicismo, suas colunas demonstram que, em se tratando de história, as coisas são mais complexas do que se pode pensar à primeira vista.

Referências

A MARCHA, n. 224, 29 jul. 1957.

BARBOSA, Muryatan Santana. O TEN e a negritude francófona no Brasil: recepção e inovações. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 28, p. 171-184, 2013. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092013000100011>.

BARBOSA, Muryatan Santana. COSTA, Thayná Gonçalves dos Santos. Negritude e pan-africanismo no pensamento social brasileiro: a trajetória de Ironides Rodrigues (1923-1987). *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 34, p. 1-21, 2019. Doi: <https://doi.org/10.1590/3410018/2019>.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no processo político brasileiro: o PRP entre 1945 e 1965 – cães de guarda da ordem burguesa*. 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

CRUZ, Natália dos Reis. *O integralismo e a questão racial: a intolerância como princípio*. 2004. 302 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

CYTRYNOWICS, Roney. *Integralismo e antissemitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 1930*. 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

GONÇALVES, Leandro Pereira. *Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português*. 2012. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

GRIFFIN, Roger. Prefácio. In GRECCO, Gabriela de Lima. GONÇALVES, Leandro Pereira (orgs.). *Fascismos Iberoamericanos*. Madrid: Alianza Editorial, 2022.

MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento antissemita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

NASCIMENTO, Abdias. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes, Brasília, v. 1, p. 227-245, 1997. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-1.pdf>.

NUCCI, Priscilla. Abdias Nascimento e o Congresso Afro-Campineiro de 1938. In: *Anais do XXI Encontro Estadual de História – ANPUH/SP*. Campinas, 2012.

OLIVEIRA, Alexandre Luís de. *Do integralismo ao udenismo: a trajetória de Raymundo Padilha*. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

OLIVEIRA, Laiana Lannes. *Entre a miscigenação e a multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros?* 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A evolução dos estudos sobre o integralismo. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 36, p. 118-138, 2010.

- OS AMERICANOS do Norte são tão racistas quanto era o nazismo. *A Marcha*, n. 224, 27 set. 1957.
- RODRIGUES, Ironides. O cinema americano e uma tentativa de renovação. *A Marcha*, n. 54, 21 maio 1954.
- RODRIGUES, Ironides. Carta de apelo a Vinicius de Moraes. *A Marcha*, n. 142, 2 dez. 1955.
- RODRIGUES, Ironides. Os melhores filmes de 1955. *A Marcha*, n. 148, 20 jan. 1956.
- RODRIGUES, Ironides. Sobre clubes de cinema e a vinda de Christian Jacques. *A Marcha*, 6.jul..1956.
- RODRIGUES, Ironides. A Igreja e o cinema. *A Marcha*, n. 167, 10 ago. 1956.
- RODRIGUES, Ironides. Prisioneiro do Remorso (*The prisoner*). *A Marcha*, n. 169, 24 ago. 1956.
- RODRIGUES, Ironides. Eu, Otávio de Faria e Alfredo Leite. *A Marcha*, n. 181, 16 nov. 1956.
- RODRIGUES, Ironides. O cinema e as misérias do mundo capitalista (ao sr. Gumercindo Rocha Dórea). *A Marcha*, n. 198, 29 mar. 1957.
- RODRIGUES, Ironides. O racismo inglês num filme de Robert Rossen. *A Marcha*, n. 222, 13 set. 1957.
- RODRIGUES, Ironides. Rio, Zona Norte. *A Marcha*, n. 233, 29 nov. 1957.
- RODRIGUES, Ironides. A presença de Jesus na sétima arte. *A Marcha*, 25 dez. 1957.
- RODRIGUES, Ironides. Cinco vezes favela. *A Marcha*, n. 467, 20 dez. 1962.
- RODRIGUES, Ironides. Diário de um negro atuante. In *THOTH*, v. 1. Brasília: Gabinete do senador Abdias Nascimento, 1997a.
- RODRIGUES, Ironides. Diário de um negro atuante, parte dois (1974-1975). In *THOTH*, v. 2. Brasília: Gabinete do senador Abdias Nascimento, 1997b.
- ROMÃO, Jeruse. Educação, instrução e alfabetização no Teatro Experimental do Negro. In: ROMÃO, Jeruse (Org.). *História da Educação do Negro e outras histórias*. Brasília: Ministério da Educação/SECAD, 2005.
- SANTOS, Gilca Ribeiro dos. *O pensamento educacional de Francisco Lucrecio e Ironides Rodrigues*. 2013. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.
- TRINDADE, Héliqio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016.
- TRINDADE, Héliqio. *A tentação fascista no Brasil*. imaginário de dirigentes e militantes integralistas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016a.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

VICTOR, Rogério Lustosa. *O labirinto integralista: o PRP e o conflito de memórias (1938-1962)*. 2012. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

¹ Em relação aos estudos focados no antissemitismo na AIB, ver: CYTRYNOWICS, Roney. *Integralismo e antissemitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 1930*. 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992; MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento antissemita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

² OS AMERICANOS do Norte são tão racistas quanto era o nazismo. *A Marcha*, n. 224, 27 set. 1957.

Artigo recebido em 23/03/2024

Aceito para publicação em 16/07/2024